

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NECESSIDADE DE UM POPULISMO DIGITAL DE ESQUERDA

ALBÉRICO ARAÚJO SIAL NETO,
EMÍLIO DE BRITTO NEGREIROS.

RESUMO - A atual ascensão de líderes populistas de direita está diretamente relacionada ao predomínio das mídias e redes sociais *online*. Os líderes populistas estão fazendo uso massivo da esfera digital *online* a fim de consolidarem sua própria liderança política. O uso das mídias e redes sociais por parte dos líderes populistas é nomeado de populismo digital. Tal uso das redes é feito predominantemente pelos líderes de extrema-direita. Com isso, cabe indagar: por que o populismo de esquerda não está conseguindo ocupar efetivamente a esfera digital? Evidentemente, essa pergunta está em total consonância com Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, teóricos que consideram o populismo como uma possibilidade distinta e sempre presente da estruturação da vida política. Assim, se o populismo é uma possibilidade constante da vida política, sua eliminação não parece viável. Com isso, cabe investigar não os caminhos para a erradicação do populismo, mas sim a possibilidade de construção de um populismo que seja voltado ao aprofundamento das noções de igualdade e liberdade. Esse populismo, vale pontuar, seria o populismo de esquerda. Desse modo, em resposta à pergunta supracitada, será mostrado que a ascensão do populismo de direita está associada à percepção da crise da pós-política, que é a dinâmica de alternância entre os centros. Essa percepção foi levada às redes sociais *online*, impulsionando a sensação de que os líderes populistas de direita são os únicos capazes de representar o povo. Todavia, será defendido que o espaço ocupado pelo populismo digital de direita está aberto, podendo ser ocupado pelo populismo digital de esquerda. O fortalecimento do populismo digital de esquerda é essencial para maior articulação entre as diversas demandas heterogêneas a fim de radicalizar a democracia.

PALAVRAS-CHAVE - Direita/Esquerda; Populismo Digital; Pós-Política; Radicalização da Democracia; Redes Sociais *Online*.

I. INTRODUÇÃO

Na conjuntura política global, houve uma tendência de diluir os espectros à direita e à esquerda em busca de um suposto consenso pelo centro. Essa tendência ao consenso foi amplamente analisada pelas mais diversas perspectivas da ciência e da filosofia política. A Democracia Radical foi uma das perspectivas que se dedicou a analisar tal tendência ao consenso. Segundo essa perspectiva, por volta dos anos 2000, por exemplo “sob a pretensão de modernização, um crescente número de partidos socialdemocratas tinha eliminado suas identidades de ‘esquerda’, referindo-se eufemisticamente como ‘centro-esquerda’” [1]. Nesse sentido, o modelo de oposição esquerda-direita tinha se tornado obsoleto, abrindo espaço para “‘consenso no centro’ entre centro-direita e centro-esquerda” [1]. É por esse motivo que a recente ascensão do populismo em todo mundo é um fenômeno intrigante.

O avanço de movimentos populistas pode ser visto a partir da eleição de Donald Trump, em 2016, para presidente dos Estados Unidos; assim como a partir da eleição de Jair

Bolsonaro no Brasil; na Europa ocidental também é possível ver a partir do avanço de partidos e lideranças de extrema-direita na competição política, como na França com Marine Le Pen, na Hungria de Viktor Orbán [2].

De maneira geral, é possível dizer que os líderes supracitados têm em comum um programa político que combina populismo anti-establishment com uma busca para retornar ao status quo, incluindo a prioridade de preservar a identidade nacional. Esses traços em comum já são velhos conhecidos da literatura acerca do populismo. O que é *sui generis* dessa nova onda populista é o uso massivo das redes sociais. Assim, “embora [o populismo] já tenha permeado contextos históricos diversos, sua disseminação via internet na contemporaneidade garante-lhe atributos e elementos inéditos” [3]. Esse ineditismo, vale ressaltar, foi responsável pelo surgimento da categoria populismo digital.

O conceito de populismo digital denota justamente a apropriação das mídias sociais para a criação de uma busca pelas sensações de unidade, harmonia e tradição, características do

populismo [3]. Nesse sentido, há diversos exemplos de líderes políticos “populistas da extrema-direita que premiaram o uso dos social media em detrimento dos media tradicionais, ultrapassando, dessa forma, o filtro jornalístico e o escrutínio feito por esses profissionais” [4]. Tendo em vista isso, é importante questionar por que especificamente o populismo de direita conseguiu se apropriar das mídias sociais enquanto o populismo de esquerda não.

Visando responder ao problema supracitado, pretendo expor os aspectos discursivos do populismo caracterizados por Ernesto Laclau [5] e Chantal Mouffe [6]. Além disso, mostrei que as mídias sociais facilitam efeitos discursivos no tocante à criação e manutenção da percepção do mundo. Nesse sentido, será mostrado que as práticas discursivas populistas de direita são turbinadas a partir do uso das mídias digitais, levando ao ostracismo as dinâmicas políticas de tendência ao centro. Entretanto, o caminho que está se trilhando pelo populismo digital de direita também pode ser trilhado em busca da construção de um populismo digital de esquerda. A construção de um populismo digital de esquerda é essencial para o resgate de uma política do contrassenso, que recupera e aprofunda os ideais de igualdade e de soberania popular, que são constitutivos na política democrática.

II. REVISÃO DA LITERATURA

No que se refere ao populismo, no geral, há duas grandes formas de caracterização. A primeira consiste na comparação de diversas experiências populistas para que, a partir das similitudes, haja uma caracterização e, a partir dessa caracterização, decorra a proposta conceitual. Enquanto a segunda forma consiste em um desenvolvimento teórico que busca compreender o populismo independente das formas como ele se manifesta empiricamente ou de como está normatizado. Isso é, consiste em uma investigação pelos sentidos mais fixos e imutáveis, consiste numa investigação acerca do que é constitutivo do ser do populismo.

É possível dizer que a primeira perspectiva de análise se debruça sobre o nível ôntico do fenômeno. Nesse sentido, historicamente há diversas características comuns aos movimentos populistas, que, vale ressaltar, “incluem experiências extremamente diferentes que oscilam entre o extremo esquerdo e direito do espectro político” [7]. Algumas dessas características comuns são dignas de nota: uma ideia do líder como a personificação do povo; uma identificação do movimento e dos líderes com o povo como um todo; o ato de falar em nome do povo e contra as elites dirigentes; uma ideia homogeneizadora do povo como uma entidade única [7].

No que diz respeito à segunda perspectiva, ela se debruça sobre o nível ontológico do fenômeno. Dessa forma, há uma busca pelo ser do populismo. Conforme a Democracia Radical, uma das principais correntes teóricas que investiga a ontologia do populismo, o ser do populismo é caracterizado por uma espécie de radicalização do político. Essa radicalização se fundamenta na cisão, que é constituída discursivamente, entre o povo e o outro. Entretanto, a fixação entre a palavra e o significado é ausente. Nesse caso, o povo, por

exemplo, pode ter significado diverso a depender do conjunto de relações que constitui o complexo de significação. Com isso, pode-se perceber que há “uma pluralidade possível de significantes que [sempre] será sobredeterminada e que temporariamente poderá ser fixada” [8].

Vale ressaltar que os teóricos da Democracia Radical traçam uma distinção entre a política e o político. De maneira geral, a política faz referência ao nível ôntico, nível associado ao campo empírico e aos fatos da ação política. Por sua vez, o político faz referência ao nível ontológico, nível que se associa à essência do fenômeno, o ser-si-mesmo do fenômeno. Nesse sentido, o ser-si-mesmo do político é o antagonismo, que é constitutivo das sociedades humanas.

Nesse sentido, a análise que é feita, a partir da perspectiva da Democracia Radical, sobre o fenômeno do populismo inverte as ordens dos vetores, invertendo também as impressões sobre o fenômeno. Tal inversão acontece justamente na mudança de análise do ôntico para o ontológico. Dessa maneira, enquanto que na abordagem ôntica, os estudos “partem da ideia de que a função da política é a administração dos problemas sociais e que essa função é melhor praticada quanto maior for a racionalidade” [9], e, por conseguinte, o populismo parece um fenômeno irracional e indefensável, confinando-o ao domínio do impensável, ou como algo “a ser [visto como] um simples contraponto de formas políticas dignificadas com o status de plena racionalidade” [5]. Na abordagem ontológica, por sua vez, o populismo é entendido como uma forma de construção do político, e essa construção do político produz uma divisão simbólica entre o povo e o outro. Nesse sentido, o populismo tem por “racionalidade própria a simplificação do espaço político e a divisão simbólica do social em dois campos antagonicos separando o ‘povo’ de seu ‘outro’” [9]. Ademais, tal divisão simbólica pode ser entendida como uma radicalização do antagonismo característico da constituição ontológica do político.

Vale ressaltar que há três categorias que são fundamentais para o entendimento do funcionamento da divisão simbólica supracitada, a saber: discurso, que é o território primário da construção da objetividade social enquanto tal; significantes vazios e hegemonia, que são significantes sem um significado estabelecido e, por isso, se apropriam constantemente do significado de outros significantes; retórica, em que desloca um termo literal em direção ao termo figurativo.

No tocante ao discurso, não há distinção entre sua prática e a prática não discursiva. Dessa maneira, é possível afirmar tanto que “todo objeto é constituído como um objeto discursivo, na medida em que nenhum objeto é dado fora de toda superfície discursiva de emergência” [10], quanto que a distinção entre os “usualmente chamados aspectos linguísticos ou práticos de uma prática social, ou é uma distinção incorreta, ou necessita achar seu lugar como diferenciação dentro da produção social de sentido, que é estruturada sob a forma de totalidades discursivas” [10].

O discurso, vale ressaltar, não é superestrutura de nada, nem se encontra no nível das ideias. De maneira geral, o discurso estabelece um complexo relacional. Nesse sentido,

relação e objetividade são tidas como sinônimos. Isso porque, “não existe termos positivos na linguagem, mas unicamente diferenças – uma coisa é o que é somente por meio de suas relações diferenciais com outras coisas” [5]. Ademais, não há nada que transcenda essa dinâmica das diferenças, não há “nenhum fundamento que, a priori, privilegie alguns elementos do todo em detrimento dos outros. Qualquer que seja a centralidade que um elemento adquira, ela tem de ser explicitada pelo jogo das diferenças enquanto tais” [5].

O jogo das diferenças denota que em qualquer sociedade há disputas entre discursos que significam algo, o que é diferente de dizer que esses discursos disputam algo não significado. Os significantes vazios constituem a significação discursiva. Todavia, paradoxalmente, os significantes vazios decorrem de um discurso que consegue universalizar em demasia seus conteúdos, e esse discurso “passa a fazer sentido a uma multiplicidade de identidades, a ponto de ele se tornar incapaz de ser significado de forma exata” [11]. Isso ocorre quando a prática articulatória expande em demasia a agregação de elementos.

A expansão da agregação dos elementos faz parte da retórica. Isso porque, “ocorre um deslocamento retórico toda vez que um termo literal é substituído por um termo figurativo” [5]. Ademais, é possível dizer que “qualquer distorção do significado possui, em sua raiz, a necessidade de expressar algo que o termo literal simplesmente não transmitiria” [5]. Essa distorção é chamada de catacrese. Nesse sentido, a construção política do povo é essencialmente catacrética.

Com isso, é possível dizer que o povo e o outro não têm um significado fixo. Ou seja, o povo não é uma população definida, mas é constituído pelas linhas de demarcação que são estabelecidas. Tais linhas de demarcação são frutos das articulações. A noção de articulação, por sua vez, pode “ser entendida como uma relação entre ‘elementos’, isso é, diferenças que não estão previamente vinculadas, as petições, em torno de um ponto de referência” [8]. Esses pontos de referência são denominados mais especificamente de pontos nodais. No que se refere aos pontos nodais, eles possibilitam fixações parciais de sentido, ou melhor, eles são “certos significantes privilegiados que fixam o sentido da cadeia de significante” [10].

Destarte, tanto a lógica da equivalência (povo) quanto a lógica da diferença (outro) decorrem da fixação de sentido da cadeia de significante. Entretanto, enquanto a primeira lógica consiste na “unificação simbólica decorrente dessa articulação entre diferentes petições antagônicas” [8], a segunda lógica consiste na “afirmação de uma particularidade que não possui relação existente com outras particularidades e que pode ser incorporada ou não dentro de um sistema social” [8].

Assim, o “populismo como processo de identificação coletiva produz o povo como efeito de sua dinâmica articulatória” [8]. Desse modo, “o povo, como um significante vazio, é produzido retroativamente através da própria construção hegemônica” [12]. Por conseguinte, dado que o povo é um significante vazio, “qualquer um pode se dizer parte do povo

ou pode dizer que fala em nome do povo” [12].

A despeito dessas características essenciais, existem aspectos que distinguem o populismo de direita do populismo de esquerda. No tocante ao primeiro, ele “alega que trará de volta a soberania popular e que restaurará a democracia, mas essa soberania é entendida como ‘soberania nacional’ e reservada àqueles considerados verdadeiros ‘nacionais’” [6]. Isso quer dizer duas coisas. Primeiramente, que os populistas de direita não abordam questões acerca da igualdade. Em segundo lugar, o povo, como construído pelo populismo de direita, denota uma exclusão de inúmeras categorias que são vistas como ameaças à identidade e à prosperidade da nação. Por sua vez, no tocante ao populismo de esquerda, ele “procura recuperar a democracia para aprofundá-la e ampliá-la” [6]. Ou seja, o populismo de esquerda “visa aliar as demandas democráticas em uma vontade coletiva para construir um ‘nós’, um ‘povo’, confrontando um adversário comum: a oligarquia” [6]. Para tanto, é preciso que haja “o estabelecimento de uma cadeia de equivalência entre as demandas dos trabalhadores, dos imigrantes e da classe média precarizada, assim como outras demandas democráticas, tais como as da comunidade LGBT” [6].

Portanto, a Democracia Radical compreende o populismo como um fenômeno que é uma forma de construção política. Essa construção é caracterizada pela retórica da confrontação social que opõe o povo contra o outro. A dinâmica de oposição do povo contra o outro é responsável pela caracterização de “diversas articulações políticas, da massa e das elites, da esquerda e da direita, dos conservadores e dos liberais” [13]. Com isso, percebe-se que, por mais que seja possível distinguir entre populismo de direita e populismo de esquerda, existem características gerais que são inerentes ao fenômeno do populismo. O aspecto da polarização, da divisão da sociedade em ao menos duas classes e a retórica que impõe discursos unificadores ou separatistas, são inerentes aspectos do populismo. Esses aspectos, vale ressaltar, ganham força ao serem inseridos na esfera digital.

A. O POPULISMO E A ESFERA DIGITAL

No hodierno, há uma exaustiva quantidade de estudos acerca da expansão das tecnologias de informação. Visando a atribuição de uma categoria que defina tal fenômeno, alguns teóricos desenvolveram o conceito de regime de informação ou, mais especificamente, infocracia [14], já outros desenvolveram o conceito de capitalismo de vigilância [15]. Muito embora não haja consenso acerca de qual é o melhor conceito para designar esse momento de amplo surgimento de tecnologias de informação, no geral, esses conceitos significam o novo modo como as pessoas transmitem e recebem informações. Essa recepção e transmissão de informações, inclusive no âmbito político, acontece sem a presença de uma autoridade especializada e com enorme impulso dos algoritmos das mídias sociais.

É importante destacar que, no âmbito da política, essa constatação de um novo jeito de receber e transmitir informação está diretamente associada à uma visão valorativa sobre

o fato. Isso porque, há uma percepção de que os algoritmos das mídias sociais fortalecem falsas percepções de mundo. É possível perceber esse viés valorativo neste extrato: “As pessoas clicam nas notícias que dizem o que elas querem ler; *Facebook*, *Youtube* e *Google* mostram a elas mais daquilo que já favorecem, seja certa marca de sabonete ou uma forma particular de política. Os algoritmos também radicalizam os usuários. Se você clicar em canais anti-imigração perfeitamente legítimos no *YouTube*, por exemplo, eles podem rapidamente levá-lo, com apenas mais alguns cliques, a canais nacionalistas e, em seguida, a canais violentamente xenofóbicos. Como foram projetados para manter o usuário *on-line*, os algoritmos também favorecem as emoções, especialmente a raiva e o medo. E, como os sites são viciantes, eles afetam as pessoas de maneiras inesperadas. A raiva se torna um hábito. A divisão se torna normal” [16].

É evidente que o fragmento acima trata especialmente das dinâmicas algorítmicas que mantém determinados usuários dentro de bolhas. Juntamente a isso, é perceptível que há uma valoração negativa da radicalização dos usuários, que favorece as emoções e normatiza a divisão, proporcionada pelos algoritmos. Essa valoração aparenta estar diretamente associada ao fenômeno da pós-política. A pós-política, por sua vez, é uma forma de despolitização diretamente relacionada à negação das ideologias e ao entendimento das emoções como algo irracional que prejudicaria a política. Ademais, a pós-política é responsável pela diluição da fronteira política entre direita e esquerda. Com isso, percebe-se, tanto na crítica à radicalização dos usuários, quanto na crítica ao estímulo das emoções proporcionada pelos algoritmos, uma forte tendência pós-política.

Vale ressaltar, ainda no que se refere à pós-política, que a única coisa que essa tendência aceita pacificamente “é a alternância bipartidária de poder entre partidos de centro-direita e centro-esquerda. Todos aqueles que se opõem ao ‘consenso de centro’ [...] são apresentados como ‘extremistas’ ou desqualificados como ‘populistas’” [6]. É sob forte influência da pós-política que surge o conceito de populismo digital – muito embora isso não queira dizer que todo e qualquer uso desse conceito precise carregar consigo esse viés pós-político.

O populismo digital é um conceito que denota a apropriação que os líderes populistas fazem da internet, e mais especificamente, das redes sociais *online*, para ganhar adeptos e/ou falar com os que já o são. A amplitude da internet permite que os “populistas a utilizem para se dirigirem à própria mídia, como também para atingirem diretamente a opinião pública, sem passar pelo filtro dos *gatekeepers*” [17]. Nesse sentido, “as redes sociais *online* têm surgido na arena política como uma forma adequada de ganhar adeptos nesta atividade, já que permitem o planejamento de grandes ações de campanha e fomentam a comunicação interpessoal da qual todos os candidatos necessitam para se relacionarem diretamente com os seus eleitores” [18].

É justamente no âmbito discursivo que o populismo mais é beneficiado pelas redes sociais. Isso porque, a linguagem

populista tende a ser simples e emocional. Ou seja, como a redução da complexidade do discurso é uma das primeiras estratégias de um líder populista, evitando citacionalidades profundas e complexas, e como essa simplificação tende à construção da imagem do oponente como uma ameaça à soberania popular, tais características “podem ser potencializadas na web, em especial em redes de relacionamentos” [13].

Ademais, no que se refere ao aspecto emotivo do populismo no âmbito digital, ele é “consequência do comportamento das pessoas nesses ambientes, mas evidenciados também pelos *affordances* das ferramentas [digitais]” [13]. Assim, as emoções decorrentes da fixação de sentido a partir de significantes privilegiados são impulsionadas pela distância física, o anonimato, a facilidade de publicação e difusão de opiniões característicos das redes sociais *online*.

Apesar do anonimato ser uma característica muito forte das redes sociais *online*, o populismo digital se relaciona de forma ambígua com tal característica. Isso porque, por um lado os seguidores do líder populista podem propagar suas opiniões sem precisar necessariamente assumir uma imagem pública de propagador de determinadas opiniões polêmicas. Enquanto, por outro lado, os líderes populistas se apropriam da internet para ampliar a “conexão personalista e a proximidade [...] com o seu público pois os atores discursam, especialmente via redes sociais *online*, diretamente aos seus seguidores” [13].

A dinâmica de comunicação direta dos líderes populistas pode ser vista, por exemplo, no “*Twitter*, rede social, classificada como um *microblog*, que se apresenta mais personalista que as demais e é utilizada pelos atores políticos para se dirigir diretamente aos seguidores por meio de textos curtos, de linguagem direta” [13]. Nesse sentido, as redes sociais online permitem uma comunicação sem interrupções entre líder e liderado, que não se restringe ao período de campanha. Portanto, as redes sociais online são “ambientes potenciais para o desenvolvimento de campanhas permanentes online para a legitimação das ações dos representantes” [13].

Com isso, tendo em vista que o populismo é uma prática discursiva cujo aspecto emotivo e relacional é consequência; tendo em vista também que as redes sociais online propiciam uma maior facilidade e agilidade na comunicação, assim como a maior sensação de contato direto com as lideranças políticas; então, percebe-se que o populismo digital não é um fenômeno aberrante, mas apenas a conciliação entre uma forma de construção política (o populismo) com um meio (as redes sociais online) que propicia, apesar de não ter sido construído para esse fim, a intensificação dos aspectos essenciais dessa forma de construção política.

Essa conciliação entre forma de construção política e meio digital de comunicação reforça a formação virtual de grupos que se identificam ou não com um determinado líder populista. Tal reforço permite ao líder “se dirigir de forma estratégica, identificando os seus ‘semelhantes’ e os ‘outros’” [13]. Esse direcionamento estratégico do líder populista altera o comportamento social. Isso porque, a mobilização online se

caracteriza pelas associações em grupos virtuais constituídos pela proximidade dos conteúdos manifestos online [19]. Vale ressaltar que tal associação de grupos virtuais “acaba por valorizar mais uma heterogeneidade de comportamentos, bem como uma pluralidade de demandas, mais particulares” [13].

Nesse sentido, as redes sociais online se apresentam como o ambiente perfeito para que as dinâmicas binárias “nós” e “eles”, relacionadas aos significantes vazios, sejam potencializadas pela extrema maleabilidade do digital. O processo de redução da complexidade social a partir da equivalência seletiva de múltiplas demandas articuladas entre si, caro ao populismo, é radicalmente intensificado pelo processo de “formação de online *crowds* através de *hashtags* e outras dinâmicas agregadoras das mídias sociais que expandem as conexões à custa da simplificação do conteúdo” [20]. Além disso, as redes sociais online descentralizam “o acesso à comunicação e à informação, aumentando o acesso dos cidadãos” [17]. Assim, o ambiente virtual se apresenta como sendo extremamente propício para o surgimento de diversos líderes populistas. Isso porque, por um lado as redes sociais online são plataformas que possibilitam a operação das dinâmicas inerentes ao populismo; enquanto por outro lado, elas permitem uma comunicação direta entre líder e liderado, aumentando a personificação do líder como alguém que faz parte do grupo e, ao mesmo tempo, se esquivando das possíveis intervenções negativas da mídia tradicional.

Entretanto, muito embora o ambiente virtual e, mais especificamente, as redes sociais online sejam um ambiente propício para o aparecimento de diversos líderes populistas, tem-se visto apenas líderes populistas de direita tendo êxito na apropriação desses ambientes. Essa ascensão do populismo de direita é um fenômeno amplamente abordado nas bibliografias atuais. Conforme Pippa Norris [21], o populismo de direita despertou em diversas sociedades do mundo, e isso está diretamente associado ao impacto das novas tecnologias de comunicação na Democracia [22].

É possível apontar Donald Trump e Jair Bolsonaro como exemplares do populismo digital de direita. No que se refere ao primeiro líder populista, a “campanha foi respaldada por meio do bombardeio de postagens de cunho pró Trump aos usuários do Facebook classificados enquanto indecisos em relação a eleição presidencial” [23]. Referente ao segundo líder populista, “o poder das redes sociais para a eleição de Bolsonaro se fez notório” [23], tendo sido o *WhatsApp*, notoriamente, a plataforma de maior uso.

Com isso, cabe indagar por que o populismo de direita conseguiu se tornar protagonista no uso das redes sociais online enquanto o populismo de esquerda não. Essa questão se revela pertinente na medida em que ambos os populismos, o de direita e o de esquerda, carregam consigo as mesmas características inerentes, tendo apenas o conteúdo como algo distintivo. Ou seja, se o populismo, independente do espectro à direita ou à esquerda, pode ser caracterizado pelo conceito de discurso, de significantes vazios, de hegemonia e de retórica, e se tais características são intensificadas com o uso das redes sociais online, então, por que apenas o populismo

de direita ocupa esse espaço digital?

O fenômeno das *Fake News* é uma resposta bastante comum ao problema posto acima. Entretanto, é possível afirmar que tal fenômeno seja a causa necessária, mas não suficiente, no que diz respeito ao amplo espaço ocupado pelo populismo de direita no âmbito digital. Isso porque, bastaria aos líderes populistas de esquerda mentirem para que o protagonismo digital fosse adquirido. Evidentemente o fenômeno das *Fake News* não se restringe apenas a uma mentira contada, fazendo referência a uma estrutura mais ampla de divulgação, circulação e manutenção dessa mentira, mas a simplificação feita acima serve justamente para explicitar que bastaria mimetizar o populismo de direita para que o populismo de esquerda conseguisse ampliar seu espaço no digital. A hipótese defendida é que a tendência pós-política ainda presente nos setores à esquerda é um fator que responde ao questionamento do porquê apenas o populismo de direita tem tido êxito no espaço digital.

B. DAS FAKE NEWS À PÓS-POLÍTICA

Coincidentemente ou não, o termo *Fake News* foi amplamente utilizado pelo líder populista Donald Trump. Apesar de não haver relatos de como essa noção se originou, está claro “que foi o [ex-] presidente dos Estados Unidos Donald Trump quem a vulgarizou a partir de janeiro de 2017 e que foi a partir das eleições presidenciais de 2016 que o fenômeno se banalizou” [25]. É interessante notar que Donald Trump utilizava o termo para denotar “notícias (jornalismo, portanto), que no limite [eram] notícias falsas (*false news*), ou tudo aquilo que, publicado, lhe [era] desfavorável” [25]. Com isso, percebe-se que o termo pode ser utilizado nos mais variados contextos, muitos deles diferentes do contexto usual.

As *Fake News* são um fenômeno que está diretamente associado à popularização da Internet. Uma das principais características desse fenômeno é a sua não restrição a um modelo específico. Ou seja, “é normal encontrar não apenas textos, mas também fotos e vídeos falsos ou parcialmente falsos, em simultâneo” [25]. Vale ressaltar que essa falsidade não é fruto de um simples engano. Muito pelo contrário, as *Fake News* são caracterizadas por seu conteúdo deliberadamente falso. Isso quer dizer que quem elabora esses conteúdos sabe que é mentira, “e só o elabora porque é mentira. Só existe porque é falso” [25].

Portanto, são características centrais da *Fake News*: “(1) a falta de autenticidade e (2) seu propósito de enganar. [...] A *Fake News*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada” [26]. Essa informação falsa muitas vezes “decorre de estratégias de campanha política e desinformação” [27]. Nesse sentido, “as eleições dos Estados Unidos e Brexit em 2016, e Catalunha em 2017 [e Brasil em 2018], são mostras de como a desinformação impactou nos resultados, gerando correntes de opiniões diversas, confrontando os cidadãos, provocando caos” [27].

De fato, assim como as redes sociais online possibilitam o surgimento de populismos, elas também possibilitam o

surgimento das *Fake News*. Muitas vezes, o populismo digital se aparata de *Fake News* a fim de fortalecer os grupos de seguidores (o povo) e intensificar a imagem adversarial dos que não o são (os outros). Essa relação entre populismo digital e *Fake News* é tão usual que é comum alguns teóricos acusarem as *Fake News* de serem responsáveis pelo novo florescimento de populismos em todo o mundo [28].

Entretanto, é preciso essa conciliação do populismo com as *Fake News* seja vista com bastante cautela. Isso quer dizer, é preciso “deixar de lado a oscilação entre uma visão neutra de tecnologia (ela é só um canal e a fonte real dos problemas é social) e uma visão determinística (ela é capaz de controlar processos sociais)” [29]. Tendo isso em vista, deve-se olhar para a relação entre populismo e *Fake News* buscando ver primeiro as infraestruturas.

Desse modo, apesar de ser mais que evidente a relação entre populismo digital e o fenômeno das *Fake News*, não é possível atribuir toda a responsabilidade do surgimento do populismo digital ao referido fenômeno. Outro fator de destaque é o que Chantal Mouffe [1] intitula de momento populista. O momento populista surge quando “sob a pressão de transformações políticas ou socioeconômicas, a hegemonia dominante é desestabilizada pela multiplicação de demandas insatisfeitas” [1].

De maneira geral, essa conjuntura que propicia o momento populista está presentificada atualmente. Isso porque, o modelo neoliberal que passou a ser implementado por volta de 1980 ao redor do mundo está sendo abalado desde 2008. “A crise, iniciada em 2007, nos Estados Unidos, com o colapso do mercado hipotecário de alto risco (*subprime*), evoluiu para uma completa crise bancária internacional, com a falência do banco de investimentos Lehman Brothers no ano seguinte. Massivos resgates de instituições financeiras tiveram de ser implementados para impedir o colapso do sistema financeiro mundial. A recessão econômica global que se seguiu afetou profundamente várias economias europeias e provou uma crise da dívida no continente. Para lidar com essa crise, políticas de austeridade foram implementadas em muitos países europeus, com drásticos efeitos, particularmente nos países do sul” [1].

Esse momento de crise econômica tornou evidente diversas contradições e desafiou diversos postulados já pré-estabelecidos. Tal dinâmica pode ser denominada de *interregnum*, isso é, “um período de crise durante o qual uma série de premissas consensuais estabelecidas em torno de um projeto hegemônico são desafiadas” [1]. Assim, esse “‘momento populista’ é, portanto, a expressão de diversas resistências às transformações políticas e econômicas observadas durante os anos de hegemonia neoliberal” [1].

Os anos de hegemonia neoliberal propiciou as dinâmicas pós-política. A pós-política nada mais é que o declínio da democracia ao tentar evitar o inerradicável antagonismo. Para um bom funcionamento da democracia, é preciso “‘que haja um choque entre posições políticas democráticas legítimas’ e a ‘criação de uma vibrante esfera pública agonística de contestação, na qual diferentes projetos políticos hegemô-

nicos possam se confrontar” [1]. Ou seja, a pós-política foi a grande responsável pelo deficitário funcionamento da democracia. É em decorrência da crise na hegemonia pós-política que surge o momento populista.

O momento populista reestabelece as fronteiras políticas que foram perdidas em detrimento do consenso de centro. Por isso, tal momento “aponta para um ‘retorno do político’ após anos de pós-política” [1]. Evidentemente o retorno ao político abre caminho para soluções autoritárias, “mas também pode levar à reafirmação e à extensão dos valores democráticos. Tudo dependerá de quais forças políticas terão sucesso em hegemonizar as demandas democráticas atuais e o tipo de populismo que será vitorioso” [1].

É evidente que o populismo de direita tem se tornado vitorioso na batalha contra a pós-política. Isso porque, além de aparentemente ter percebido, antes dos setores à esquerda, o fim da pós-política, o populismo de direita se antecipou em levar para as redes sociais online a imagem de única alternativa capaz de devolver ao povo a voz que lhe tinha sido tomada pelas elites. É evidente também que essa imagem de *outside* do populismo de direita está associada às *Fake News*. Mas não se pode atribuir todo o sucesso do populismo de direita a esse fenômeno. Atribuir todo o sucesso do populismo de direita às *Fake News*, além de ingênuo e maniqueísta, parece ofuscar o real problema a ser enfrentado pelos setores à esquerda: a urgente necessidade de “romper com o consenso pós-político e de reafirmar a natureza partidária da política, a fim de criar as condições para um debate ‘agonístico’ sobre as possíveis alternativas” [1].

Desse modo, o populismo digital de esquerda se torna uma realidade na medida em que, antes de recorrer às *Fake News*, suas posições sejam radicalizadas no ambiente digital a fim de agregar demandas heterogêneas em prol da construção de um novo sentido de povo. Essa radicalização, quando levada às redes sociais online, que é um ambiente deveras propício para essa estratégia discursiva de construção de uma fronteira política chamada de populismo, é potencializada. A partir dessa radicalização levada ao ambiente digital, se torna possível o fim do monopólio do populismo digital de direita, abrindo espaço para um outro tipo de populismo digital que “proporciona a estratégia adequada para recuperar e aprofundar os ideais de igualdade e de soberania popular, que são constitutivos na política democrática” [1].

Assim, a ausência de um populismo digital de esquerda está diretamente associada às dinâmicas pós-políticas que ainda resistem a despeito do momento populista. Com isso, quando setores à esquerda levam à esfera digital o rompimento com a pós-política, surge a possibilidade da construção de uma outra política discursiva digital, que, por sua vez, é capaz de construir uma vontade coletiva que vise aprofundar a democracia. Portanto, a ocupação efetiva da esfera digital por parte dos populismos de esquerda se revela fundamental para a construção de uma vasta pluralidade de “nós” e “eles”.

III. METODOLOGIA

Haja vista a emergência da questão do populismo digital, é incontável o número de produções bibliográficas de referência acerca do tema. Por um lado, há teóricos que apontam para a necessidade do aprofundamento da dicotomia entre populismo de direita e populismo de esquerda. Por outro, há teóricos que analisam as principais características do populismo digital sem levar em consideração a necessidade de um aprofundamento dicotômico entre populismos. Ambos os lados levam em consideração que o populismo é um fenômeno político consolidado. Assim, realizar uma conjunção entre as partes supramencionadas exerce um papel estratégico. Isso porque, tal conjunção responde mais prontamente à questão do populismo.

Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter hermenêutico. A pesquisa consistiu na revisão de literatura de referência sobre o populismo. Tal revisão objetivou responder à questão sobre a predominância dos líderes populistas de direita e a ausência de líderes populistas de esquerda no universo digital *online*.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão consiste na interpretação dos argumentos ou dos elementos mencionados no desenvolvimento do trabalho, não admite nenhuma ideia, fato ou argumento novo. Deve ser breve, exata, concisa; ser decorrente da pesquisa; formulada para responder aos objetivos propostos no trabalho.

A qualidade básica de todo trabalho científico é a objetividade, portanto são os fatos ou ideias apresentadas que levaram às conclusões apresentadas.

A reflexão que se seguiu até aqui foi guiada pela perspectiva do populismo como um fenômeno discursivo que está de acordo com aquilo que é a essência da democracia, a saber, a divisão da sociedade em dois polos. Nesse sentido, o populismo não só estaria de acordo com a essência da democracia como também radicaliza aquilo que lhe é essencial. Desse modo, enquanto na democracia a divisão consiste em uma divisão entre “nós” e “eles”, no populismo a divisão se dá entre “povo” e “outro”.

A divisão social entre “povo” e “outro”, cara ao populismo, é baseada na construção de um significado para esses termos. É a reboque do que significa “povo” e “outro” que se torna possível a distinção entre populismo de direita e de esquerda. Ademais, a construção desse significado visa mobilizar os afetos coletivos das paixões que são entendidos como decisivos para a manutenção e fortalecimento do grupo. Por conta disso, muitas vezes o populismo é tido como um fenômeno irracional que deve ser combatido a todo custo.

Não só o forte combate ao populismo, mas também as tendências de centro foram responsáveis pelo surgimento da pós-política. Entretanto, a hegemonia neoliberal associada à pós-política vem sendo desestabilizada ao longo do tempo. Essa desestabilidade abriu espaço para o entendimento das diversas fragilidades e contradições da pós-política. Desse modo, a partir da crise da pós-política surge o que pode ser chamado de momento populista.

O momento populista é justamente a expressão das diversas demandas heterogêneas que não podem mais ser formuladas a partir da hegemonia pós-política. Esse momento populista atual tem sido principalmente capitalizado pela extrema direita. Essa capitalização, vale ressaltar, é extremamente potencializada pelo ambiente virtual. Assim, é possível dizer que a extrema-direita não só capitalizou o momento populista, mas também capitalizou as redes sociais online.

As redes sociais online são o ambiente perfeito para a propagação de populismos. Isso porque, ela possui características que potencializam as estratégias discursivas populistas, como a simplificação do espectro político, a mobilização das emoções e a personificação do líder. Vale ressaltar que o momento populista foi potencializado pelo uso das redes sociais online. Talvez, sem as redes sociais online, o que está sendo chamado de momento estaria sendo chamado de efeméride. Isso porque, é inegável que as novas mídias digitais exercem efeitos na esfera política, especialmente no que diz respeito ao populismo. Com isso, a questão que apareceu como central foi o motivo do populismo de direita ter assumido protagonismo nas redes sociais online enquanto que o populismo de esquerda não.

A hipótese defendida foi que o populismo de direita foi o primeiro a recorrer das redes sociais online para tentar hegemonizar demandas heterogêneas e criar uma significação para o “povo”. Essa dinâmica de antecipação seria a grande responsável pelo predomínio do populismo de direita no ambiente virtual. Entretanto, também foi defendido que o espaço ocupado pelo populismo de direita é um espaço aberto que oportuniza e desafia os setores à esquerda para a radicalização da democracia nesse momento de transição, o *interregnum*. Assim, em vez de ver o momento populista apenas como uma ameaça à democracia, cabe aos setores à esquerda mobilizar os afetos coletivos a fim do estabelecimento de uma cadeia de equivalências que articule as diversas demandas desse setor, para construir uma vontade comum. Ou seja, é urgente aos setores à esquerda perceber que o momento populista oferece a oportunidade para a radicalização da democracia. Essa percepção, quando levada às redes, pode romper com o monopólio do populismo digital de direita abrindo espaço para o populismo digital de esquerda.

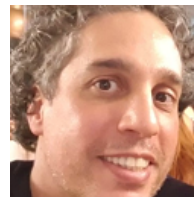
Referências

- [1] MOUFFE, C. Por um Populismo de Esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- [2] FUKUSHIM, K. A., FERRAZ, A. T. R. A Ascensão da Extrema Direita e as Consequências Para a Democracia. *Argumentum, Espírito Santo*, v. 13, n. 2, p. 4-7, 2021.
- [3] CALDEIRA, J. Entenda o que é Populismo Digital e como ele tem afetado nossas decisões. Instituto de Referência em Internet e Sociedade, 21, nov. 2021. Disponível em: <https://irisbh.com.br/entenda-o-que-e-populismo-digital-e-como-ele-tem-afetado-nossas-decisoes/>. Acesso em: 13, out. 2022.
- [4] MAIA, R. R. Um Ensaio Sobre Populismo e Redes Sociais Online. *Revista Comunicando*, v. 9, n. 1, p. 279-299, 2020.
- [5] LACLAU, E. A Razão Populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- [6] MOUFFE, C. Por um Populismo de Esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- [7] FINCHELSTEIN, F. Do Fascismo ao Populismo na História. Lisboa: Edições 70, 2019.

- [8] PRADO, M. A. M., MARQUES, A. C. S. O Povo Como Categoria Política no Pensamento de Jacques Rancière e Ernesto Laclau. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 26, n.1, p. 28-50, 2021.
- [9] NASCIMENTO, K. L. O Populismo na Perspectiva de Ernesto Laclau: uma Alternativa para à Esquerda? *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 32-50, 2018.
- [10] LACLAU, E., MOUFFE, C., *Hegemonía y Estrategia Socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madri: Letra E, 1987.
- [11] MENDONÇA, D. de. *Democracia sem Democratas: uma análise da crise política no governo João Goulart (1961-1964)*. 2006. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação strictu sensu em Ciência Política da UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- [12] NASCIMENTO, K. L. Todos Contra o Povo: limites da teoria de Ernesto Laclau. *Simbiótica*, Vitória, v. 6, n.2, p. 96-116, 2019.
- [13] de CARVALHO, F. C. CERVI, E. U. Mais Populismo, Menos Representatividade: monitoramento e lógica populista da comunicação política em redes sociais online. *Revista estudos políticos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 86-103, 2019.
- [14] HAN, B. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- [15] SHOSHANA, Z. *A Era do Capitalismo de Vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- [16] FEITOSA, D. S. E. A.; Efeito do uso contínuo de um protocolo de polimento mecânico na estabilidade de cor e rugosidade de superfície de uma resina acrílica para base de prótese dentária submetida a escovação e imersão em hipoclorito de sódio e café. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Fortaleza, 2019.
- [17] APPLEBAUM, A. *O Crepúsculo da Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021. E-book.
- [18] MANGEROTTI, P. RIBEIRO, V. GONZALES-ALDEA, P. Populismo, Twitter e Comunicação Política: análises dos tweets de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018. *Braz. Journal. Res.* v. 17, n. 3, p. 1-32, 2021.
- [19] MAIA, R. R. Um Ensaio Sobre Populismo e Redes Sociais Online. *Revista Comunicando*, v. 9, n. 1, p. 279-299, 2020.
- [20] SORJ, B. On-line/off-line: a nova onda da sociedade civil e a transformação da esfera pública. In: SORJ, B., FAUSTO, S. (orgs.). *Internet e mobilizações sociais*. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2015.
- [21] CESARINO, L. Como Vencer Uma Eleição Sem Sair de Casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *InternetSociedade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.
- [22] NORRIS, P. INGLEHART, R. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Nova York: Cambridge University Press, 2019.
- [23] GAINOUS, J. WAGNER, K. M. *Tweeting to Power: the social media revolution in American politics*. Oxford: Oxford University, 2014.
- [24] PEREIRA, C. COUTINHO, C. A Extrema Direita Adiciona o Neoliberalismo: o papel das mídias sociais no atual cenário político. *Cadernos de Relações Internacionais*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 4-24, 2019.
- [25] MENESES, J. P. Sobre a Necessidade de Conceptualizar o Fenômeno das Fake News. *Observatório (OBS*)*, p. 37-53, 2018.
- [26] RECUERO, R. GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galaxia*, São Paulo, n. 41, p. 31-47, 2019.
- [27] HIDALGO, C. R. SANMARTÍN, C. M. SALAS, G. C. Fake News y Política: nuevos desafíos para las campañas electorales. *Revista Ibérica de Sistemas de Tecnologías de Informação*. n. 35, p. 351-362, 2020.
- [28] ALONSO, P. 'Fake News' y posverdad en tiempos de populismos: lecciones para periodistas. *Cuadernos de Periodistas*, Madri, n. 34, p. 77-84, 2017.
- [29] CESARINO, L. *O Mundo do Aveso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

ALBÉRICO ARAÚJO SIAL NETO

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco(2021). Possui especialização em Ciencia Política. Mestrando em Filosofia na área de concentração de Ética e Filosofia Política. Atualmente é Membro de corpo editorial da REVISTA PERSPECTIVA FILOSÓFICA.



EMÍLIO DE BRITTO NEGREIROS

Emílio de Britto Negreiros é professor de sociologia - Associado II, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Está vinculado ao CAOS - Grupo de Estudo e Pesquisa em Política e Sociologia Ambiental. Concluiu seu doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2008), realizando durante o curso um estágio doutoral na Université de Paris X - Nanterre (2006). Fez mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2003), com estágio na Universidade Estadual de Campinas (2002) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco (1999).

...

...